

O texto da colega Ivana, em minha opinião quase não apresenta brechas para um debate caloroso. Isso porque a autora, numa admirável clareza de linguagem e espírito de síntese, soube captar os temas recorrentes da emigração no nível sintagmático das diferentes narrativas, analisando as semelhanças e diferenças de seu tratamento pelos diversos autores. Não há porque discordar de sua proposta analítica. O máximo que poderia elaborar sobre ela, seria no sentido de desenvolver aspectos pouco desenvolvidos - talvez devido ao caráter de palestra que abrange um número razoável de textos - propor acréscimos ou reflexões sobre um ou outro ponto tratado. Assim, parodiando Fernando Pessoa e Ivan Lins, diria que discordar não é preciso; repletir e discutir, é mais do que preciso.

No início de sua exposição, Ivana se refere à vocação portuguesa para as viagens, temática constante nessa literatura há séculos. Em seguida, afirma que, na literatura contemporânea, encontramos os emigrantes como versão moderna dos viajantes. Referindo-me especificamente aos textos de Ferreira de Castro e Miguel Torga, creio que a afirmativa exige algumas reflexões particularizadoras. Primeiro, vejamos um pouco de História:

Sabe-se que os viajantes inseridos no contexto da expansão ultramarina, iniciada no século XV, são das mais diversas origens no estamento social e empreenderam viagens com diferentes fins. Para o clero e a nobreza, a dilatação da Fé e do Império, servindo ao Rei e a Deus, conduzia em contrapartida à obtenção de rendas, tenças, capitâneas, etc. Para os mercadores - excelente lucro na compra local de matérias-primas e sua revenda em território europeu. Somente para o povo é que a expansão representava uma forma de emigração, isto é, possibilidade de vida melhor numa nova terra, tornando-o livre da opressão que sempre lhe pesou mais sobre os ombros. Portanto, provinha do povo o emigrante em termos verdadeiros, porque os outros viajantes e seus serviços normalmente retornavam, beneficiando-se à larga das viagens.

É José Hermano Saraiva (*História Concisa de Portugal*); Europa -

* Professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Literatura Brasileira.

América, Mira-Sintra, 1978) quem chama a atenção para o fato de que o único grupo social a quem a expansão ultramarina não interessava era o dos proprietários agrícolas que, perdendo braços para a lavoura, sofriam o encarecimento da mão-de-obra. (p.122). E mais: no Brasil de mil, quinhentos e tantos, vamos encontrar, oriundos de Portugal, imigrantes de dois tipos: lusos unidos a nativos, pois sua viagem não tinha regresso, e judeus perseguidos. Em 1583, nossa população contava vinte e cinco mil pessoas. (Id., p. 142) Ora, em Ferreira de Castro e Torga, os emigrantes/imigrantes ou são camponeses (os últimos finalmente ajustados nessa categoria), em situação análoga a esse povo referido, ou vítima de perseguição política por parte do Poder (também "ajustados" aqui como lavrador), como foram perseguidos os judeus.

Saindo do discurso histórico e entrando no literário da época, lemos em Gil Vicente, por exemplo, (*Romagem dos Agravados*), a situação precária dos camponeses. A personagem João da Morteira, após descrever sua vida de misérias, diz: "Por isso quero fazer/este meu rapaz d'Igreja; não com devoção sobeja, mas porque possa viver/como mais folgado seja". (*Obras Completas, Vol. V. Lisboa, Sá da Costa, 1953, p.9*). Acrescente-se aí o refrão "Igreja, mar ou casa real, para quem quiser medrar", corrente na época, cujo entendimento é: quem deseja melhorar de vida, que entre para o grupo do clero, para os serviços da nobreza ou que emigre. A riqueza das viagens não chega à zona rural, os salários se deterioram a partir da chegada dos escravos africanos (em 1541 Damião de Góis calculou-os entre dez e doze mil, anualmente). Compare-se o protagonista de Gil Vicente ao herói de Miguel Torga, filho de camponeses que, em pleno séc. XX, tem a orientação paterna de ter uma vida melhor através do sacerdócio, num primeiro momento, e na emigração para o Brasil, num segundo.

Passando ao próprio Camões, temos a fala do velho do Restelo - maior libelo literário do Século contra as navegações - que simboliza o descontentamento popular contra "a glória de mandar, a vã cobiça", ideologicamente chamada fama pelos donos do Poder.

Pena que a literatura da época privilegie quase que exclusivamente feitos heróicos individuais, não nos permitindo o conhecimento desse real emigrante, quer seja lavrador, de quem não trata a historiografia dado seu caráter de louvação aos grandes, quer seja perseguido político, sobre quem a ideologia vigente tinha de calar. No campo da historiografia, justiça seja feita a Fernão Lopes que, embora

não destacando figuras populares em sua indivisualidade, soube ver na massa a força da História. O famoso Cerco de Lisboa é descrito não como estratégia militar de um grande capitão e senhor, mas atra - vês do povo sofrendo fome.

Isso posto, perguntaria a Ivana se, ao invés de se dizer que os emigrantes são uma versão moderna dos viajantes (considerados globalmente), poderíamos dizer que o emigrante do Séc.XX é similar ao dos Séculos XV/XVI, cada qual em sua historicidade. Nos séculos mencionados, primórdios do capitalismo e do colonialismo, as terras recêm-descobertas ofereciam possibilidades reais de melhora de vida, e a viagem não tinha regresso. No séc.XX, marcado pela decadência desses sistemas - crise do café e da borracha retratada nas narrativas - o emigrante encontra nessas terras situação econômica igual ou pior à do país natal, acabando ou por estabelecer-se nelas definitivamente, para não enfrentar o vergonhoso retorno, ou por retornar fingindo-se de rico. (Não levamos em conta os enriquecidos, dado seu caráter excepcional).

Particularizaria também uma frase do fim da exposição, ligada à afirmativa inicial:(...) "os portugueses, como outros povos, deixam seu país (...) para sobreviver". Os portugueses sem recursos ou perseguidos, pois os que vivem em função do poder econômico ou político, viajam para manter ou garantir a manutenção do status quo, responsável pela ampliação das diferenças sociais. Assim, se por um lado a situação dos emigrantes permanece a mesma durante séculos, a dos viajantes se modifica de acordo com as conveniências dos poderes: da expansão ultramarina inicial, presenciamos até há bem pouco tempo os viajantes sob a forma de tropas militares, enviadas às colônias portuguesas para sua manutenção nos termos do Colonialismo atual, ou sob a forma de grupos econômicos do capitalismo monopolista, para a exploração de suas riquezas.

Concordo plenamente com Ivana ao mostrar a admiração dos que ficam em relação aos que partem, numa aventura desejada por metade de Portugal, na expectativa de que voltem ricos. Será que a inveja de tal aventura não estaria na permanência do mito expansionista, assimilado inconscientemente até hoje/ontem, pela comunidade nacional lusíada? A frustração e o sofrimento encontrados na terra adotiva não seriam elementos desmitificadores, guardados como segredo, jamais revelado na terra natal, porque a sociedade não aceita a ruptura com o mito? O fato de retornarem pobres dizendo-se ricos não ajudaria a manter o equilíbrio social pela esperança do Eldorado, saída no plano do Ideal para os conflitos reais?

Com essas reflexões espero ter contribuído com nosso encontro de hoje, na medida em que, reitero, a qualidade de um texto não reside no silêncio que provoca, mas nas questões que permite levantar.